

Os repelentes podem ser eficientes quando o assunto é defesa contra doenças causadas por insetos. Mas você sabe como usá-los corretamente?

POR LETÍCIA MOUHAMAD*

Em filmes de época, mosquiteiros são presença garantida ao redor de camas e berços, além de telas de proteção nas janelas. Os mosquitos e pernilongos sempre foram um incômodo para os humanos, além de responsáveis por uma série de doenças, entre elas a dengue.

O Distrito Federal vive um dos piores momentos no que diz respeito ao número de casos prováveis de dengue. O Boletim Epidemiológico da Secretaria de Saúde do DF, divulgado no início de maio, mostrou que, de janeiro até 4 de maio, a capital do país registrou 33,6 mil casos da doença.

A quantidade é 170% superior ao registrado no mesmo período de 2019, antes do surgimento do novo coronavírus (12,4 mil), e 531% maior que o verificado no primeiro quadrimestre de 2021 (5,3 mil). A queda, no ano passado, teve o isolamento social como um dos principais motivos.

Os dados preocupam a população, que precisa estar atenta para evi-

tar os focos de mosquitos, mas existem também algumas outras medidas que podem auxiliar na proteção e são uma espécie de evolução das antigas redes de proteção: os repelentes. Eles podem ser físicos, químicos ou biológicos, com mecanismos distintos de funcionamento. E, ao contrário do que muitos pensam, não têm a função de matar os insetos, mas sim de impedir sua aproximação.

Os repelentes, usando extratos vegetais e algumas substâncias químicas, criam uma espécie de camada protetora na região onde são aplicados. Normalmente, eles liberam odores que o inseto pode reconhecer como tóxico ou prove-niente de alguma espécie predadora. Tanto o cheiro quanto o produto em si, não são tóxicos e nem causam desconforto ao ser humano. Mas assim como ocorre com certos alimentos, bebidas, perfumes e outros produtos naturais algumas pessoas podem ser alérgicas e é necessário tomar alguns cuidados.

***Estagiária sob a supervisão de Sibebe Negromonte**

Proteção adicional contra os mosquitos

REPELENTE NA MEDIDA CERTA

Para o uso correto do repelente, a médica dermatologista Aneline Nogueira, com atuação em dermatologia clínica e pediátrica, sugere seguir os seguintes passos:

- Aplicar o produto apenas na pele exposta, evitando locais com lesões ou ferimentos.
- Não permitir que crianças manipulem o produto. O adulto deve aplicar nas mãos e em seguida na pele delas. Ao final, deve higienizar corretamente as mãos.
- Atentar-se à idade recomendada: crianças podem usar a partir de 6 meses. Entre 3 e 6 meses, o ideal é aplicar somente em situações de exposição intensa e inevitável a insetos. Bebês menores de 3 meses devem utilizar apenas barreiras físicas, como roupas e carrinhos com mosquiteiros.
- Considerar a faixa etária, no que tange ao limite de uso por dia: crianças entre 6 meses e 1 ano podem usar apenas uma aplicação. Entre 1 e 12 anos, devem ser utilizadas duas aplicações e a partir de 12 anos, de duas a três aplicações ao dia.
- Manter a precaução, ao aplicar no rosto, evitando locais próximos à boca, ao nariz, aos olhos ou sobre lesões.
- Evitar dormir com repelente, já que se trata de uma substância química que pode causar reações alérgicas ou intoxicações, principalmente em crianças, quando utilizada em excesso.
- Aplicar o produto sobre o protetor solar e somente após 30 a 40 minutos.
- Ler e obedecer o rótulo do repelente.
- Lembrar que o uso excessivo do produto pode causar problemas como dermatite de contato, irritação dos olhos ou intoxicação.

